

Os mecanismos de concentração da renda com manutenção da taxa de acumulação e de troca desigual entre o setor monopolista e o competitivo que caracterizam o subdesenvolvimento industrializado poderão ser melhor compreendidos se construirmos um modelo simplificado do sistema econômico brasileiro.

A economia produz três tipos de bens finais em três departamentos: bens de produção ou de capital, J, produzidos pelo Departamento I; bens de consumo dos trabalhadores ou bens de salários, B, produzidos pelo Departamento II; bens de consumo de luxo, V, produzidos pelo Departamento III. Os bens intermediários estão incluídos nos departamentos produtores de bens finais, principalmente no Departamento I.

Temos três classes sociais: os capitalistas, que recebem lucros, R, e os gastam em investimentos I (compra de bens de produção) e em consumo de luxo,  $C_v$ ; os tecnoburocratas, que recebem ordenados, O, nada poupam, logo não investem, e consomem bens de consumo de luxo,  $C_v$ ; os trabalhadores, que recebem salários, W, também nada poupam e consomem bens de salário,  $C_b$ .

A produção nacional, Y, pode ser definida:

em termos de renda ou de rendimentos,  $Y_y$ ,

$$Y_y = R + O + W$$

em termos de produto (oferta),  $Y_p$ ,

$$Y_p = J + V + B$$

em termos de despesa ou gasto (procura),  $Y_d$ ,

$$Y_d = I + C_v + C_b$$

Em termos de produto, podemos também afirmar que a produção nacional é igual à produção do setor monopolista, M, e do setor competitivo, T.

Podemos, ainda, em nosso processo de simplificação, imaginar que o setor competitivo produz apenas bens de salário, enquanto o setor monopolista produz apenas bens de consumo de luxo e bens de capital.

$$T = B$$

$$M = J + V$$

Em nosso modelo, sempre para simplificar, o Estado está incluído como produtor nos três departamentos e compra os três tipos de bens por meio de lucros, ordenados e salários que são considerados antes do pagamento dos impostos diretos e indiretos. Caso quiséssemos incluir explicitamente o Estado, não haveria qualquer dificuldade. Complicaria apenas o modelo. O importante a assinalar é apenas que o Estado, enquanto comprador (parte da demanda agregada) compra muito mais bens de capital e bens de consumo de luxo do que bens de salário, quando comparado com o Estado dos países capitalistas centrais, mais orientados para despesas de consumo social.

Quanto ao comércio exterior, ele está excluído do modelo apenas como medida simplificadora. Veremos mais adiante, entretanto, que o desequilíbrio externo é uma constante no modelo de subdesenvolvimento industrializado. Por outro lado, o comércio exterior serve de instrumento equilibrador adicional entre a oferta e a procura agregadas nos quadros do processo de concentração de renda que é peculiar ao subdesenvolvimento industrializado, à medida que possibilita a exportação de bens de salário, que os trabalhadores não têm poder aquisitivo para comprar, e a importação dos bens de consumo de luxo e bens de capital destinados à tecnoburocracia e à burguesia.

O equilíbrio estático deste modelo está garantido, no setor competitivo, à medida que a produção de bens de salário,  $B$ , é igual aos salários,  $W$ , que, por sua vez, são iguais ao consumo desses bens,  $C_b$ :

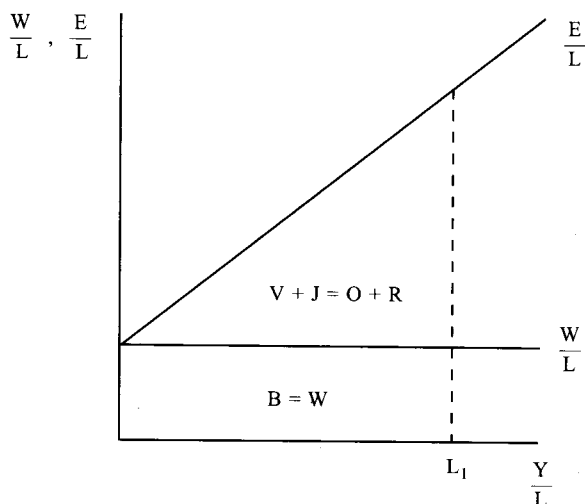
$$\textcircled{B} = \textcircled{W} = \textcircled{C_b}$$

No setor monopolista, o equilíbrio macroeconômico é garantido à medida que a produção de bens de consumo de luxo,  $V$ , mais a produção de bens de capital,  $J$ , é igual ao excedente constituído pela soma de lucros,  $R$ , mais ordenados,  $O$ , que, por sua vez, são iguais ao consumo de bens de luxo,  $C_v$ , e aos investimentos,  $I$ :

$$\textcircled{V + J} = \textcircled{O + R} = \textcircled{C_v + I}$$

O equilíbrio dinâmico do modelo e o processo de concentração de renda, privilegiando a acumulação de capital e, principalmente, o consumo de bens de luxo, podem ser descritos no Gráfico I, em que, na ordenada, temos a taxa de salários,  $W/L$ , em que  $L$  é o emprego ou o número de trabalhadores (nesse modelo de equilíbrio, estamos em pleno emprego, de forma que não é necessário distinguir número de trabalhadores de número de trabalhadores empregados), e o volume de excedente ( $E = O + R$ ) por trabalhador,  $E/L$ , apropriado por capitalistas e tecnoburocratas. Na ordenada, temos a produtividade ou produção por trabalhador,  $Y/L$ .

Gráfico I



Vemos por esse gráfico que, à medida que cresce a produtividade, a taxa de salários permanece constante. O volume de salários e o volume de bens de consumo dos trabalhadores cresce na proporção em que cresce a população e, portanto, o emprego. Por outro lado, todo o aumento de produtividade transforma-se em excedente apropriado por capitalistas e tecnoburocratas na forma de lucros e ordenados, utilizados, principalmente, no consumo de bens de luxo e, secundariamente, em investimentos.

Este processo dinâmico de concentração de renda pode ocorrer dentro de um relativo equilíbrio entre oferta e procura agregadas porque a elevação dos ordenados e dos lucros corresponde ao aumento da produção de bens de consumo de luxo realizada pelo Departamento III e porque os bens de salário que excedem o consumo “necessário” dos trabalhadores podem ser exportados. Esse equilíbrio perverso será possível à medida que os trabalha-

dores, desorganizados política e sindicalmente, não tenham capacidade de reivindicar com efetividade maiores salários, e à medida que a existência de um setor monopolista e um setor competitivo permita ao primeiro realizar uma troca desigual com o segundo, garantindo às suas empresas maiores lucros e, aos seus tecnoburocratas, altos ordenados.

O equilíbrio, entretanto, é precário não apenas por motivos políticos, mas, também, porque a taxa de acumulação não tende a crescer, dada a prioridade atribuída à produção de bens de consumo de luxo, ou seja, ao Departamento III da economia, em detrimento dos Departamentos I e II, e porque o desequilíbrio externo está sempre rondando esse tipo de economia. O próprio desequilíbrio externo, por sua vez, é função em grande parte dessa ênfase dada ao Departamento III, cujos bens, além de representarem consumo improdutivo, possuem um alto coeficiente de importação.